



Mészáros e a necessidade de superação do capital

Mészáros and the need to supersede capital

Milena da Silva SANTOS*

 <https://orcid.org/0000-0002-1438-4928>

Resumo: O texto tem como objetivo analisar a concepção teórica de István Mészáros sobre a necessidade de superação do capital, em sua obra: *Para além do capital: rumo à teoria da transição*. A investigação adotou o enfoque materialista-histórico e dialético, de base marxiana, e teve como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Aborda questões referentes à transitoriedade histórica do capital, à relação entre capital, trabalho e Estado, e à alternativa ao capital. Considera que o sistema capitalista é composto pela tríade capital, trabalho e Estado; que, como qualquer sociabilidade, é passível de superação por outro sistema social e, por isso, transitória. Ademais, destaca aspectos relativos à teoria socialista marxiana como a alternativa para a superação do capital.

Palavras-chave: Mészáros. Capital. Trabalho. Estado. Socialismo.

Abstract: The text analyses István Mészáros' theoretical concept, taken from his work "Beyond capital: towards the theory of transition", regarding the need to supersede capital. The investigation adopted a materialist-historical and dialectical approach, with a Marxian basis, and employed a bibliographic methodology. It addresses issues related to the historical transience of capital, the relationship between capital, labour and State, and the alternative to capital. It considers the capitalist system as a triad composed of capital, labour, and State, which, like any sociability, is liable to be superseded by another social system which would cause a transition. Furthermore, it highlights aspects related to the Marxian socialist theory as an alternative for overcoming capital.

Keywords: Mészáros. Capital. Work. State. Socialism.

Submetido em: 16/3/2022. Aceito em: 30/7/2022.

Introdução

O sistema sociometabólico do capital tem como esferas essenciais o capital, o Estado e o trabalho assalariado. Essa relação social tem o poder de subjugar todas as áreas da vida social para impor um movimento incessante de expansão e acumulação do capital. No entanto, o revolucionamento constante das forças produtivas no capitalismo, ao gerar uma abundância de produção, revela contradições que emanam do próprio sistema (MARX, 1988). Esse sistema social não atende plenamente às necessidades materiais e sociais dos reais produtores e destrói os recursos naturais do nosso planeta.

Tentativas de reformas do sistema – limitadas ao âmbito político – mostraram-se insuficientes e ineficazes para solucionar os problemas ocasionados pelo capital. Destacamos a concepção de Mészáros que defende a alternativa socialista, contrapondo-se às perspectivas de caráter

* Assistente Social. Doutora em Serviço Social. Docente adjunta da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas. (UFAL, Maceió, Brasil). Av. Lorival Melo Mota. S/N, Bloco 16. Tabuleiro dos Martins. Maceió (AL), CEP 57072-900. E-mail: milena_sso@hotmail.com.



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2022 Acesso Aberto Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

reformista. Evidencia o processo de superação do capital e não apenas da sociedade capitalista. Para tanto, adota como fundamento a teoria marxiana de comunismo. Esse artigo é resultado de investigação com enfoque materialista-histórico e dialético, de base marxiana, e teve como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Visa explicar a perspectiva de superação do capital, com base em Mészáros¹. Aborda o aspecto transitório do capital, considerando a categoria da historicidade; enfoca a questão das esferas fundamentais do sociometabolismo capitalista: o capital, o Estado e o trabalho, demonstrando que, na relação de totalidade, apenas o trabalho pode se apartar das demais esferas a fim de constituir uma nova ordem social; e tece algumas considerações teóricas sobre a alternativa socialista, abarcando o significado real de “ir além do capital”, as condições históricas da ofensiva socialista e algumas outras questões necessárias à transição para o socialismo.

1 A transitoriedade histórica do capital

Mészáros fundamenta-se na teoria marxiana para abordar a concepção de transitoriedade histórica do capital; destaca a categoria historicidade. Para ele, a consciência histórica está centrada em três grupos fundamentais de problemas: a determinação da ação histórica; a análise da mudança como um movimento de caráter acumulativo, implicando algum avanço no desenvolvimento; a oposição implícita ou consciente entre universalidade e particularidade, buscando a identificação de uma síntese de ambas que permita explicar historicamente eventos relevantes e seus significados.

Para a análise legítima de uma concepção histórica, os três aspectos são relevantes. Não basta indicar que o homem é autor da história; segundo Mészáros, é necessário compreender devidamente a natureza da própria história e identificar o complexo relacionamento entre particularidade e universalidade, em relação ao sujeito da ação histórica. Devem-se levar em consideração as ações individuais e/ou coletivas dos seres humanos em determinado momento histórico que abre um caminho de possibilidades e alternativas de desenvolvimento da própria humanidade. Quando se desconsideram esses aspectos, é fácil recair nas explicações idealistas do mundo, tal como em divindades. Por isso, Mészáros se baseia na concepção materialista do mundo e da história.

Ainda segundo a apreciação de Mészáros, Marx, ao estudar os economistas políticos clássicos e apreender os fundamentos essenciais do capital e do sistema capitalista, parte do pensamento dialético (não idealista, mas materialista) e evidencia as contradições imanentes ao sistema do capital. Assevera que a saída deste modo de produção deve ocorrer através da ação revolucionária dos únicos verdadeiramente explorados por este sistema, os proletários.

De acordo com Mészáros, o principal alvo teórico de Marx era a economia política clássica, a qual produziu a confiante teorização e uma absoluta legitimidade da forma clássica do desenvolvimento capitalista. Já com relação à ação revolucionária, Marx percebia a potencialidade do proletariado industrial ascendente dos países capitalistas centrais. A ausência de uma força

¹ Analisamos o livro *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição* (MÉSZÁROS, 2011). Foram abordadas as questões principais debatidas por Mészáros sobre a teoria da transição e sua concepção da alternativa socialista ao capital. Contudo, não nos debruçamos sobre análises a respeito da experiência soviética. Indicamos as leituras da parte II do *Para além do capital: legado histórico da crítica socialista 1: o desafio das mediações materiais e institucionais na esfera de influência da revolução russa*; como também o livro: PANIAGO, Maria Cristina Soares (Org.). **Mészáros e a crítica à experiência soviética**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

de resistência estava à margem de suas preocupações, embora a maioria de suas obras tenha como subtítulo *crítica da economia política*.

Baseado na análise materialista, Marx observa que o desenvolvimento do modo de produção capitalista decorre das ações humanas que provocam transformações concretas e permeiam as relações humanas como um todo. Assim, “[...] a transformação da história em história do mundo [é] um ato bastante material e empiricamente verificável, ato cuja prova cada indivíduo fornece enquanto vai e vem, come, bebe, e se veste (MARX apud MÉSZÁROS, 2011, p. 85).

Esta visão histórica do mundo, de uma processualidade em desenvolvimento constante, concebida como uma difusão universal do modo de produção mais avançado numa relação econômica mundial plenamente desenvolvida, e o processo real de possibilidades identificáveis através das atividades de produção e consumo, trouxeram a visão apropriada da saída do capitalismo.

Mészáros reafirma a superioridade da concepção materialista da história, pois representa duas questões fundamentais: a necessidade da transição do capital e o quadro histórico global em que poderia se realizar com sucesso tal tarefa. Compreende o sistema capitalista como necessariamente transitório, pois o avanço histórico do capital e o funcionamento de elevação constante de produtividade, se comparado com os modos de produção anteriores, produzem contradições autodestrutivas do sistema – tal como conjunto de relações para a realização da dominação do trabalho alienado a serviço da autorreprodução do capital – que viabilizam processos de superação radical através do projeto socialista de revolução.

O projeto de revolução socialista não deve se limitar às intervenções parciais no interior da estrutura do capital (tal como pensou o movimento social-democrata), apenas porque tem capacidade de retificar os antagonismos materiais fundamentais, políticos e culturais, e as desigualdades estruturais do sistema. O socialismo deve ser defendido como alternativa radical ao capital, já que “[...] nenhuma intervenção sobre alguns defeitos parciais por meio de reformas de acomodação [...] poderia enfrentar essa dificuldade” (MÉSZÁROS, 2011, p. 88).

Por isso, enfatiza Mészáros, o projeto socialista deve definir um “[...] modo de controle socio-metabólico qualitativamente diferente [...]” (MÉSZÁROS, 2011, p. 88), através da atuação dos produtores associados, com “[...] um modo de controle capaz de regular as funções produtivas materiais e intelectuais dos intercâmbios de mediação dos indivíduos entre si mesmos e, por natureza, não vindo de cima [...], mas sim emergindo da *base social mais ampla possível*” (MÉSZÁROS, 2011, p. 88, grifo do autor).

Na visão de Mészáros, a capacidade de Marx identificar a configuração “clássica” de forças e eventos lhe permitia esclarecer seu significado estrutural. Esta capacidade levava em conta, principalmente, a própria realidade sócio-histórica. “Foi a coincidência histórica do tipo e da intensidade das qualidades pessoais de Marx com a transparência dinâmica da época de seus anos de formação que lhe permitiu elaborar os contornos fundamentais [...] da alternativa socialista” (MÉSZÁROS, 2011, p. 585). Marx, na busca de validade dos contornos fundamentais da alternativa socialista, procurou por tendências e sinais de desenvolvimento que poderiam fornecer evidências cumulativas.

Ainda sobre a concepção teórica de Marx, Mészáros indica que ele avalia a poderosa articulação das conexões necessárias centradas em algumas categorias fundamentais, tais como capi-

tal, trabalho, Estado moderno, mercado mundial etc. Trata-se de um modo de abranger a arquitetura objetivamente estruturada da totalidade social. Para Marx, as categorias não são construtos filosóficos atemporais, mas “[...] formas de ser, reflexos condensados das relações e determinações essenciais de sua sociedade” (MÉSZÁROS, 2011, p. 588). É a configuração específica de suas categorias objetivas determinantes que define o caráter teorizável de qualquer sociedade.

Na concepção marxiana, a dialética objetiva do histórico e trans-histórico mostra-se pela forma como algumas categorias permanecem em diferentes formações sociais. “Isto deve ser abarcado na teoria tanto em termos de seus níveis e escalas objetivamente diferentes de *temporalidade*, como uma característica vital das *estruturas* sociais dadas” (MÉSZÁROS, 2011, p. 589, grifos do autor). Ressaltar essas determinações possibilita articular “[...] o dinamismo histórico do processo social e as características objetivas estruturais de todos os fatores relevantes que em conjunto constituem o solo real de todas as condensações e reflexos categoriais” (MÉSZÁROS, 2011, p. 589).

Mészáros considera que “[...] a viabilidade do capital é inseparável de sua completa expansão em um sistema mundial que tudo abarca” (MÉSZÁROS, 2011, p. 590). Porém, a “[...] desintegração do capital em *todas* as suas formas historicamente viáveis – é uma questão de escala de tempo que corresponde adequadamente à natureza intrínseca dos determinantes e dos processos sociais envolvidos” (MÉSZÁROS, 2011, p. 592, grifo do autor). Em Marx identifica-se um conflito de intensidade variável entre as escalas de temporalidade subjetiva e objetiva; entre a compreensão subjetiva da necessidade de superação deste sistema sociometabólico e as condições objetivas reais de fazê-lo.

Para Mészáros, por avaliar o ponto de vista global da formação social do capital completamente, Marx conseguiu colocar o presente em sua perspectiva de forma apropriada. Isto lhe possibilitou identificar a necessária transitoriedade do sistema do capital, o que indica sua possibilidade de superação no futuro. Porém, para tanto, é também necessário superar as bases nas quais este sistema se sustenta.

2 A tríade do sistema sociometabólico: capital, trabalho e estado

Mészáros afirma que o sistema sociometabólico do capital é constituído pelo tripé capital, trabalho e Estado. São essas as três dimensões fundamentais do sistema. A existência desta forma de organicidade torna impossível a superação do capital sem que se superem os princípios constitutivos das dimensões fundamentais deste tripé, ou seja, sua totalidade.

Mészáros considera este aspecto na análise sobre as experiências revolucionárias do século XX e a constituição do pós-capitalismo de tipo soviético, uma vez que estas ações não foram capazes de superar os fundamentos principais do sistema sociometabólico e mantiveram a relação capital e a exploração alienada do trabalho, fortalecendo o poder político do Estado.

Nessa relação, deve-se destacar que o capital não é nada sem o trabalho. Ele necessita explorar o trabalho, extraíndo o excedente de produção para manter seu movimento de autovalorização ampliada. Para tanto, o capital também necessita exercer, além do controle sobre a produção, um domínio político com poder coesivo sobre a classe trabalhadora e administrar essa relação de trabalho, legalizando-a. O Estado, como comando político do

capital, exerce uma força que não apenas complementa o capital naquilo de que necessita, mas subsidia a base material do sistema sociometabólico.

Desta tríade, o trabalho é a única esfera que não depende das demais para existir e se reproduzir. No sociometabolismo constituído pelo capital, o trabalho é submetido à condição de exploração e objetivado com a única finalidade de produzir riqueza, que é usurpada dos reais produtores. A existência do capital (trabalho objetivado) só é possível pela exploração do trabalho, bem como o Estado só existe pelo conjunto de determinações próprias do capital para realizar a dominação do trabalho.

Através desta forma de exploração do trabalho, ressalta Mészáros, o sistema do capital em seu desenvolvimento histórico tentou ir além de suas possibilidades na relação entre economia e política – enquanto relacionamento entre estrutura de comando de reprodução material do capital e a política no nível mais abrangente.

Sobre a relação da tríade deste sistema – com a identificação do alargamento dos problemas imanentes ao capital, sua dificuldade de valorização no contexto de crise estrutural, a ativação dos seus limites absolutos, a dificuldade de deslocamento de suas contradições e a crise que se apresenta também na dominação política – consideram-se as apreciações de Mészáros sobre a possível solução para os problemas enfrentados.

Ele ressalta a ausência das mediações necessárias entre o sistema do capital e a alternativa socialista defendida. Avalia como a teoria marxiana pode ser explicada no contexto das transformações históricas. Também se preocupa com a direção tomada pelo movimento da classe trabalhadora e com as possibilidades dinâmicas de expansão do capital pela nova fase de desenvolvimento, sintonizada com a ascendência global do sistema.

Diante da problemática destacada, ao analisar como poderia o Estado *fenecer*, Mészáros aborda alguns problemas relativos aos Estados pós-capitalistas. Primeiramente, reconhece que não houve o *fenecimento* do Estado; deu-se o contrário: um fortalecimento maciço do poder político sobre a sociedade.

Em segundo lugar, o próprio Estado capitalista não assumiu o viés autoritário para confrontar as forças das nações ditas *socialistas*. Neste aspecto, “[...] a ‘sociedade civil’, há muito estabelecida e articulada ao redor do poder econômico estruturalmente arraigado dos capitais privados em competição, tanto assegura como preserva a dominação capitalista do Estado político e, por meio dele, a sociedade como um todo” (MÉSZÁROS, 2011, p. 561). Esta relação ampliou o poder ideológico de mistificação do Estado político burguês, apresentando-se como modelo insuperável, que não interfere na *liberdade individual*, e buscando diferenciar-se do seu adversário *socialista*.

O terceiro problema considerado pelo teórico é a utilização das formas políticas herdadas da sociedade capitalista, e como realizar a radical transformação da política propriamente dita numa emancipação verdadeiramente socialista. Para ele, é imprescindível uma identificação realista das mediações teóricas necessárias e das forças materiais/sociais envolvidas na transição para abolir a política pela reorientação socialista da política.

Ao tratar dos limites da ação política, Mészáros destaca novamente a teoria marxiana, que ao criticar a política, evidencia que os políticos e os revolucionários até então não buscaram o fun-

damento do mal na *essência do Estado*, mas numa determinada *forma de Estado*, pensando em substituí-la por *outra forma de Estado*. Nesta análise, para ser verdadeiramente crítico do Estado, era imprescindível sair do *ponto de vista político*.

Para Marx (2010), quanto mais poderoso é um Estado, mais político é um país e menos está disposto a buscar no princípio do Estado (que é o ordenamento da sociedade) o fundamento dos males sociais. Para ele, o *intelecto político* é político porque pensa dentro dos limites da política. Apenas o *intelecto político* é incapaz de compreender os males sociais. Na concepção burguesa, este intelecto acredita na *onipotência da vontade*, pelo princípio da política ser a *vontade*. Dessa forma, “[...] *política e voluntarismo* estão [...] enredados um no outro, e a irrealidade de remédios políticos baseados no desejo emana do ‘substitucionismo’ inerente à política enquanto tal [...]” (MÉSZÁROS, 2011, p. 564, grifos do autor). A forma de fazê-lo é a política assumir o *social*, negando qualquer ação que possa estar contida na própria estrutura.

Seria necessária toda uma ordem de mediações sociais para realizar uma política não *substitucionista*, como também a existência de forças sociais/materiais correspondentes. Marx mantinha a definição predominantemente negativa da política. Essa concepção afirma que o Estado e sua atuação política não têm a capacidade de suprimir ou superar os problemas sociais, já que estes problemas não se geram na esfera política e sim na esfera econômica – na base da reprodução material da sociedade. No sistema do capital, o Estado atua para responder às necessidades do capital, unicamente, sendo incapaz de responder verdadeiramente aos interesses humano-sociais. Então, se o Estado faz parte do sistema do capital, com a superação do capital, deve-se ter também a superação do Estado.

Na ideia de que o Estado e a política em geral são incapazes de abolir a si mesmos é que se encontra a ênfase da compreensão de Marx sobre a necessidade de abolir o Estado para resolver as contradições da sociedade civil. Mézszáros esclarece que este imperativo foi colocado em evidência, mas não em termos voluntaristas. Como um fator material, o Estado não pode ser abolido por decreto. E se assim não poderia ser feito, a questão agora era como, quem e em quais condições poderia fazer isto. As possíveis respostas foram postas na agenda histórica pelo crescimento do movimento socialista.

A esse respeito, Mézszáros resume os principais pontos da resposta de Marx em sete quesitos: 1) “O Estado (e a política em geral, como um domínio separado) deve ser transcendido por meio de uma transformação radical de toda a sociedade” (MÉSZÁROS, 2011, p. 566); 2) a revolução não deve ser uma revolução política, e sim uma revolução social; 3) diferentemente do que as revoluções políticas sempre reproduziram, a revolução social deve buscar remover a contradição entre parcialidade e universalidade; 4) o sujeito social da emancipação é o proletariado, por ser forçado a se submeter ao sistema do capital, sendo incapaz de pôr uma outra classe dominante sobre toda a sociedade; 5) a constituição da unidade dialética entre as lutas políticas e socioeconômicas acarreta a “[...] negligência da dimensão socioeconômica e despoja a política de sua realidade [...]” (MÉSZÁROS, 2011, p. 566); 6) caso haja uma conquista prematura do poder, devido às condições objetivas para a implementação das medidas socialistas, isto pode apenas fortalecer a política dos adversários; e 7) a revolução social, para ser bem-sucedida, deve se realizar em escala global/universal, e não restrita em âmbito local ou nacional, o que sugere que seja em escala global.

Para Mézszáros, os elementos desta teoria constituem um todo orgânico, em que cada um adquire seu significado através de suas *conexões recíprocas*. Fundamentalmente, Marx se preo-

cupou com a transcendência do Estado e da política como tal, e identifica “[...] a paradoxal universalidade do proletariado [...] como uma *parcialidade* que necessariamente se *autoextingue*” (MÉSZÁROS, 2011, p. 568, grifos do autor).

Assim, o proletariado, enquanto classe social, tem em sua *tarefa histórica* de superação do capital uma função universalizante objetivamente fundada. Tem sua *parcialidade* única, porque não pode dominar outros grupos ou classes. Daí o estabelecimento de uma sociedade sem classe, uma *parcialidade que se autoextingue*.

A política sempre sustenta o domínio da *parcialidade* sobre a sociedade e aparece como um complemento necessário das relações materiais de poder estabelecidas. “Isto explica a impossibilidade de a sociedade emancipar-se do domínio da *parcialidade* sem radicalmente transcender a política e o Estado” (MÉSZÁROS, 2011, p. 568).

A revolução social defendida por Marx envolve inúmeros fatores. Além do nível político, considera também a maturação das condições objetivas relevantes, ou seja, considera o nível de consciência dos membros da sociedade com relação às contradições do sistema do capital e a incapacidade do sistema em resolvê-las; a necessidade de uma alternativa socialista por meio da revolução; e a condição histórico-material propícia para a sua realização, com a elevação do grau das forças produtivas capitalistas.

Essa associação teórica marxiana do proletariado à necessidade da revolução social resulta da profunda análise da condição de universalidade do caráter histórico-mundial do antagonismo social entre capital e trabalho. O proletariado é a classe social mais explorada pelo sistema do capital, aquela que não poderia gerar outra classe dominante, e a que não se livra das condições de submissão mesmo com as medidas parciais propostas pelo sistema atual.

Os pontos acima discriminados não fazem sentido se o sujeito social da transformação revolucionária for abandonado. Deve haver uma força social capaz de empreender a tarefa de superar o capital e abolir o Estado.

Mészáros destaca que o ponto central da teoria marxiana é a interligação da transcendência do Estado com o sujeito social que deve desencadeá-la, o proletariado. O trabalho é o antagonista estrutural do capital.

Quando Mészáros evidencia a tríade do sistema sociometabólico do capital e identifica as relações entre capital, trabalho e Estado, esclarece por que tentativas revolucionárias do passado não atingiram o objetivo de transição a uma sociabilidade verdadeiramente socialista. Assim, confirma o proletariado – trabalho – como o sujeito revolucionário; a necessária “revolução política com alma social”; e a possibilidade do fencimento do Estado.

3 A alternativa socialista ao capital

Qualquer tentativa de caráter socialista através da esfera institucional ou parlamentar está impossibilitada de derrotar o capital. Apenas um movimento de massas radical e fora da esfera do Estado seria capaz de atingir tal objetivo, uma vez que o Estado moderno é uma estrutura política formada para atender às necessidades do capital. O capital é o real fundamento do atual Estado moderno; em contrapartida, o capital necessita do Estado como seu complemen-

to necessário. Portanto, numa sociedade para além do capital, não haveria necessidade do Estado.

Na avaliação de Mészáros, os instrumentos políticos de mediação existentes (sindicatos e partidos) são incapazes de liderar um movimento anticapitalista radical, pois fracassaram na tentativa de controlar e de superar o capital². O desafio da classe trabalhadora e dos movimentos sociais é criar novas formas de atuação capazes de enfrentar as forças do capital, articulando ações econômicas e políticas na luta pela derrocada do capital.

Este aspecto, o principal impeditivo da realização do real projeto socialista, não é o poder repressivo do Estado, mas a postura defensiva ou ofensiva do trabalho para com o capital. A manutenção da postura defensiva do trabalho no processo de controle, nas dimensões socioeconômicas e políticas, levou à desintegração da esquerda histórica das alas revolucionárias no decurso do século XX (MÉSZÁROS, 2011, p. 917).

“As premissas práticas necessárias da reprodução ampliada demarcam os limites daquilo que pode ser contestado e obtido – e por quanto tempo histórico – dentro dos parâmetros estruturais do sistema do capital” (MÉSZÁROS, 2011, p. 918). Vale também para todos os ganhos materiais e políticos concedidos à classe trabalhadora (direitos políticos, trabalhistas e sociais). Quando esses ganhos começaram a entrar em conflito com os imperativos práticos do sistema do capital, foram retirados ou limitados para assegurar a preservação do sistema.

Mészáros (2011, p. 919) observa que a *ofensiva estratégica* necessita de uma *ação política* radical da transformação socialista. Uma ação que erradique completamente o processo sociometabólico do capital. Isto não implica apenas a derrubada do capitalismo e uma simples transformação do Estado; exige o estabelecimento de uma ordem sociometabólica alternativa *autossustentadora*, que supere o capital e o Estado. Isto deve se dar “[...] pela *apropriação positiva* e pela *melhoria continuada* das funções vitais de intercâmbio metabólico com a natureza e entre os membros da sociedade pelos próprios indivíduos que se autodeterminam” (MÉSZÁROS, 2011, p. 920, grifos do autor).

Para não recair nos equívocos dos movimentos sociais limitados a questões particulares de fragmentos da classe trabalhadora e/ou de caráter reformista do sistema, enfatiza-se a importância da compreensão dos fundamentos do próprio capital. Este esclarecimento permite descortinar a mistificação ideológica da sustentabilidade do sistema sociometabólico do capital, já que a impossibilidade de garantir as necessidades humanas básicas de milhões de pessoas no mundo demonstra a eficiência decrescente e a insuficiência crônica do sistema do capital.

Também por este motivo, torna-se real a atualidade histórica da ofensiva socialista. O processo de transição para uma sociedade socialista coloca como desafio aos revolucionários a identificação das mediações necessárias. Uma das mediações dá-se com relação ao trabalho assalariado, que não poderá ser abolido por decreto, mas “transcendido” na longa escala de tempo da nova forma histórica. A divisão do trabalho não deve ser abolida, mas transcendida através da “[...] reestruturação radical de todos aqueles processos e estruturas sociais pelos quais ela necessariamente se articula” (MÉSZÁROS, 2011, p. 596).

² Para essa afirmação, Mészáros considera todas as revoluções que aconteceram no século XX.

Para a superação do capital, deve-se levar em consideração seu sistema sociometabólico e como ele se constitui na materialidade em relação às suas três dimensões fundamentais: capital, trabalho e Estado. Esses elementos são ligados um ao outro e não são simplesmente uma base legal/política. Portanto, “[...] nem o capital, nem o trabalho, nem sequer o Estado podem ser simplesmente *abolidos*, mesmo pela mais radical intervenção jurídica” (MÉSZÁROS, 2011, p. 600, grifo do autor).

Devido à inseparabilidade das três dimensões do sistema, não é possível emancipar o trabalho sem que, simultaneamente, se supere também o capital e o Estado. O trabalho é o pilar material fundamental do capital, e não o Estado. No trabalho é que se encontra a contínua dependência estrutural do capital.

Da mesma forma, não se pode cogitar o *fenecimento* do Estado sem que haja o “[...] ‘fenecimento do capital’ como regulador do processo sociometabólico” (MÉSZÁROS, 2011, p. 601). O poder que prende o trabalho à dependência estrutural do capital e o coloca numa posição de subordinação em relação às decisões políticas do Estado pode ser quebrado se “[...] os produtores progressivamente cessarem de reproduzir a supremacia material do capital” (MÉSZÁROS, 2011, p. 602). Isso só pode ser feito através do desafio radical à divisão estrutural hierárquica do trabalho.

Assim sendo, o *fenecimento* do Estado implica o *fenecimento* do capital, e também a *auto-transcendência* do trabalho da condição de subordinação do capital que se impõe por meio da divisão estrutural/hierárquica de trabalho e do poder estatal. Isto só se dará se todas as funções de controle sociometabólico, incluindo as estruturas de comando material e política, “[...] forem progressivamente apropriadas e positivamente exercidas pelos produtores associados” (MÉSZÁROS, 2011, p. 602).

A alternativa socialista pode viabilizar que o tempo de produção de um artigo seja determinado pelo grau de sua utilidade, e não mais pelo tempo mínimo de produção e pela possibilidade de extração de mais-valia para a reprodução do capital, como no capitalismo. Para tanto, a estratégia revolucionária “[...] necessita de apropriadas *mediações* materiais e institucionais. [Mas,] ‘mediação’ não deve ser confundida com ‘gradualismo’ e ‘reformismo’, mesmo que envolva medidas que apenas possam ser implementadas passo a passo (MÉSZÁROS, 2011, p. 630).

O alvo dessas medidas não deve ser apenas a melhoria do padrão de vida dos trabalhadores, porém a reestruturação radical da divisão de trabalho estabelecida. Neste aspecto, as mediações socialistas necessárias devem realizar a reconstituição radical da relação entre produtividade e uso. Isso pode ativar “[...] a expansão criativa das necessidades e potencialidades humanas contra a sua atual subordinação aos imperativos reificantes do sistema reprodutivo estabelecido (MÉSZÁROS, 2011, p. 631).

A dissipação destrutiva das potencialidades produtivas do capital, sintonizada às manifestações da taxa de utilização decrescente e às práticas perdulárias, potencializa o poder destrutivo do capital. A produção realizada de forma perdulária gera graves implicações para a viabilidade metabólica do próprio sistema do capital, porquanto interfere no e desarticula o equilíbrio entre capital e trabalho.

Na avaliação de Mészáros, essa estratégia da reprodução sociometabólica do capital, que direciona a “[...] ‘produção como finalidade da espécie humana’ desde que limitada à ‘riqueza como finalidade da produção’ [...], é um trágico fracasso para a humanidade mesmo nos seus próprios termos de referência” (MÉSZÁROS, 2011, p. 632). As melhorias oferecidas no interior da estrutura reprodutiva do sistema do capital são submetidas aos limites e contradições da produção como finalidade da espécie humana, cingida pela riqueza material alienada como finalidade da produção. Há então a necessidade da transformação da *produção da riqueza* para a realização da *riqueza da produção* que otimize a taxa de utilização.

Isso requer mudanças fundamentais nos domínios e níveis de produção socioeconômica e cultural, com uma nova estrutura organizacional do trabalho, e pode se realizar por meio da diminuição da jornada de trabalho como um todo; com uma melhor qualidade do processo produtivo; com uma produção voltada para a satisfação das necessidades humano-sociais; e para a melhor utilização do tempo de trabalho e do tempo livre.

De acordo com Mészáros, é preciso enfrentar os problemas pertinentes ao *desafio histórico da alternativa socialista*, porque não se pode suplantar o capital historicamente antes da complementação da sua ascendência no terreno global; e também por não ser possível pensar uma revolução socialista limitada a apenas alguns territórios isolados do planeta. Considerando-se isso, a transformação socialista só será viável se emergir da crise estrutural do sistema do capital global, com o antagonismo da divisão internacional do trabalho e um mercado mundial profundamente problemático.

O comunismo só é possível como fenômeno mundial devido ao caráter histórico-mundial do desenvolvimento das forças produtivas. É necessário reestruturar as relações de valor, reafirmando a centralidade do valor de uso, com uma indicação de forma de intercâmbio socioeconômico.

“A maior ênfase na determinação orientadora do valor de uso em uma sociedade socialista futura é inseparável da questão do desenvolvimento *em todos os aspectos das necessidades e capacidades produtivas* do indivíduo social” (MÉSZÁROS, 2011, p. 610, grifos do autor). Este desenvolvimento só é possível numa estrutura sem interesse e domínio de classe social, “[...] da ‘relação universal’ do ‘*intercâmbio universal*’ e *capacidades e realizações humanas* [...], enquanto oposto ao *valor de troca universalmente dominante*” (MÉSZÁROS, 2011, p. 610, grifos do autor).

A derrocada do capital mostra-se cada vez mais próxima por causa da sua crise estrutural sem precedentes e em escala incomparável, o que demonstra a real possibilidade de uma transformação radical. A possibilidade de um resultado positivo se coloca numa nova perspectiva histórica justamente porque os riscos estão crescendo e as contradições do capital aumentam. Torna-se necessário identificar os requisitos e as condições objetivas do processo de “ir para além do capital”.

Para Mészáros, o termo “[...] *ir para além do capital* significa superar o modo de controle do capital como *sistema orgânico*: uma tarefa só possível como empreendimento global [...]” (MÉSZÁROS, 2011, p. 917, grifos do autor) – através da superação do capital, do trabalho assalariado e do Estado.

Desvelar o significado de *para além do capital* é um problema importante, do ponto de vista teórico, como também prático, com aspectos distintos. Pela necessidade da distinção entre capital e capitalismo, uma vez que o *capital* (uma relação social) é uma categoria histórica dinâmica e a força social que lhe corresponde surge séculos antes da formação do *capitalismo* (sociabilidade voltada para a reprodução do capital).

Outro ponto focado é sobre a *produção de mercadorias*, que difere da *produção capitalista de mercadorias*. A primeira forma é anterior à última; a identificação entre capital e capitalismo e entre produção de mercadorias e produção capitalista de mercadorias não é apenas teórica, mas diretamente prática. Deve-se ter ideia da dimensão histórica das suas características estruturais fundamentais para conhecer que o capital e a produção de mercadorias precedem ao capitalismo; e, por último, identificar as implicações disso tudo para a estratégia socialista.

A teoria da transição é atualmente necessária. “Sua necessidade emerge da relação com o aprofundamento da crise estrutural do capital como um fenômeno global” (MÉSZÁROS, 2011, p. 1.069). Como essa crise dissemina mais rapidamente as contradições do capital, é impossível levantar o problema da transição como algo de significado apenas parcial, sendo aplicável apenas a circunstâncias específicas de uma conjuntura histórica limitada. Essa teoria aparece hoje “[...] na agenda histórica da perspectiva de uma ofensiva socialista, [...] em resposta à crescente crise estrutural do capital que ameaça a verdadeira sobrevivência da humanidade” (MÉSZÁROS, 2011, p. 1.071).

O tempo histórico se faz presente para que se cumpra tal tarefa, pois não se sabe se “[...] a humanidade pode sobreviver por muito tempo ainda dentro dos limites estruturais necessariamente destrutivos do modo estabelecido de reprodução sociometabólica” (MÉSZÁROS, 2011, p. 921).

Outro desafio para a alternativa socialista é assegurar que a mudança de sociedade seja irreversível. Deve-se tornar impossível a reparação do comando do capital sobre o trabalho. Para tanto, na visão de Mészáros, cumpre realizar a regulamentação das relações produtivas e distributivas da sociedade pela institucionalização e consolidação da atividade autodeterminada dos produtores associados. Isso pode ser feito através da devolução das condições objetivas de produção como propriedade aos próprios produtores; do exercício do controle das estruturas produtivas, e não apenas aos indivíduos particulares; da prevenção de abuso de poder com objetivos que não sejam socialistas; da transferência progressiva das funções de controle ao corpo social; e da prevenção consciente da possibilidade de surgimento de novos tipos de personificações.

A mudança requerida para se *ir além do capital* relaciona-se ao controle e à radical superação do capital pelos próprios produtores individuais associados. Devido à incontornabilidade do sistema ter se tornado uma ameaça grande demais para ser ignorada, o projeto socialista marxiano adquire maior relevância, pois apenas com o objetivo de se “ir além do capital” é que se podem enfrentar, com alguma chance, os perigos mais imediatos que ameaçam a sobrevivência humana.

Considerações finais

É importante a construção da teoria crítica e revolucionária necessária à realização da alternativa socialista ao capital. Essa deve admitir a transitoriedade histórica do capital e a

possibilidade real de construção de um sistema sociometabólico para além do capital, reafirmando o sujeito histórico revolucionário, o operariado – aquela classe que, por ser a verdadeiramente explorada, é a única que pode se libertar do seu aprisionamento. O trabalho é o único fator da tríade do sistema sociometabólico que pode se apartar, destruindo o capital e o Estado, simplesmente porque não depende deles para existir e se manter.

Concordamos com Mészáros ao destacar a *atualidade histórica da ofensiva socialista*. Esta condição é *atual* porque o capital já alcançou o seu patamar mais alto de desenvolvimento e sua crise estrutural ativou os limites absolutos do sistema, que ameaça as condições de reprodução do próprio capital e da vida humana futura; é *histórica*, porque é chegado o momento de enfrentamento do capital, caso contrário, irá se aprofundar a barbárie da vida social e não haverá como voltar atrás em tudo o que o capitalismo provocou de destruição; deve ser *ofensiva*, porque o trabalho, enquanto sujeito da revolução, não pode mais atuar por meio de ações defensivas, na disputa por melhores condições de vida, de direitos sociais e na esfera da circulação da riqueza material produzida.

É o momento de lutar de forma ofensiva para assumir o controle do processo produtivo enquanto trabalhadores individuais associados, em todos os aspectos fundamentais (produção, consumo e circulação); e *socialista*, como uma forma totalmente distinta de reprodução sociometabólica que objetive realizar a produção material com base na satisfação das necessidades humanas e sociais, e tudo o que dela decorrer.

Referências

MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social” De um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Vol. I. Tomo II. Coleção Os Economistas. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo à teoria da transição. Trad. Paulo Cezar Castanheira e Sergio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

PANIAGO, Maria Cristina Soares (Org.). **Mészáros e a crítica à experiência soviética**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

Milena da Silva SANTOS

Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social (FSSO), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora em Serviço Social (PPGSS-UFRN). Graduação e mestrado em Serviço Social (UFAL). Pós-doutorado em Serviço Social no PPGSS-UFAL, em andamento. Pesquisadora nos Grupos de estudos e pesquisas: *Questão Social, Política Social e Serviço Social* (GEP – QPSOCIAL), do Departamento de Serviço Social (DESSO), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); *Sobre Reprodução Social*, da Faculdade de Serviço Social, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); *Núcleo de Estudos Marxistas Sobre Política, Estado, Trabalho, e Serviço Social*, da Escola de Serviço Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
